

## LITERATURA, QUESTÕES DE GÊNERO E SALA DE AULA: ANÁLISE RETÓRICO-DISCURSIVA E REFLEXÃO LITERÁRIA SOBRE O CONTO “A MOÇA TECELÃ”

**Renan Paulo Bini** – renanpaulobini@hotmail.com

Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

**Meyre dos Santos Andrade** – meyreand@hotmail.com

Graduada em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas pela Faculdade Assis Gurgacz

**Jaqueline Cerezoli** - jaquelinec@unipar.br

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

**RESUMO:** Considerando-se a inexistência da neutralidade no que tange a formação dos diversos gêneros do discurso e, entendendo a literatura como expressão verossímil da subjetividade e da complexidade humana, sendo dotada de sentimentos e percepções humanas inferidas nas características dos personagens e, moldada pela história e pela ideologia; o presente estudo objetiva realizar análise retórico-discursiva do objeto simbólico “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, realizando, a partir dele, a identificação de efeitos de sentido que foram e são provocados pela leitura. A partir do texto e, por meio de referencial teórico que fundamentará as análises, buscar-se-á, por meio da Análise do Discurso de vertente francesa, a identificação do contexto e de interdiscursos que influenciaram a tessitura do texto; e, por meio da Retórica, a identificação e análise da materialidade linguística da argumentação no conto. A partir das análises, objetiva-se a proposição do debate sobre Gênero em sala de aula, a partir de objetos simbólicos, como o em questão, com o intuito de provocar nos alunos reflexões sobre o papel da escrita feminina enquanto influenciadora de subversão de papéis socialmente impostos às mulheres, de quebra de paradigmas e de empoderamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Análise do Discurso. Retórica. Gênero.

### 1 INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento do presente estudo, desenvolver-se-ão discussões sobre a Literatura e suas relações com o gênero feminino, mais especificamente, realizar-se-á reflexão sobre o conto “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti. A análise terá embasamento teórico e se constituirá a partir de estudos literários desenvolvidos por pesquisadores sobre a temática da literatura feminina, da Análise do Discurso de vertente francesa (doravante AD) e da Retórica.

O principal objetivo do desenvolvimento das reflexões a seguir reside na aplicabilidade destas em sala de aula por meio da proposição do debate sobre questões de gênero e, conseqüentemente, no desenvolvimento crítico dos alunos a partir da desconstrução de

preconceitos. Assim, para o desenvolvimento desta tessitura, optou-se pelo diálogo entre diferentes teorias por considerar que, apesar de os preconceitos e a imposição de papéis sociais serem ideológicos e surgirem como interdiscursos das classes sociais dominantes, os discursos materializam-se linguisticamente e perpetuam-se aderindo adeptos por meio da construção retórica.

Entendendo a Literatura como expressão verossímil da subjetividade humana, pode-se afirmar que ela tem o poder de representar o homem, em sua completude, de forma mais eficaz que os textos científicos. Despida da obrigatoriedade da factualidade, pode dizer por meio de figuras de linguagem e significar sem que o autor se comprometa com as palavras. A partir da reflexão sobre a estrutura de um texto literário, relacionando os signos linguísticos aos elementos exteriores, é possível identificar a filosofia, a cultura, a identidade de um povo, como ele se vê e como se representa.

Em todas as culturas, pode-se afirmar que a sociedade se organiza a partir de papéis sociais, sendo estes, de classe social, profissionais ou políticos, de gênero, dentre outros. Considerando os papéis sociais de gênero, entende-se que homens e mulheres, a partir de valores culturais e morais impostos pela sociedade – ou interdiscursos, como denomina a Análise do Discurso de vertente francesa –, têm suas personalidades parcialmente moldadas, contribuindo para que visões de mundo e preconceitos, como o machismo, perpetuem de forma cíclica. Como define Scott (1995), o gênero é empregado para designar as relações sociais entre os sexos, sendo uma categoria social imposta.

Nesse aspecto, considerando a emergência da mulher enquanto sujeito dentro do universo literário, não sendo mais apenas foco de objetos narrativos; nota-se a expressão feminina de forma mais profunda e sensível. “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti, objeto de análise do presente trabalho, é um exemplo desta afirmação. O conto, a partir de metáforas, expressa as angústias, os anseios femininos e suas relações com o mundo sem nominar personagens. A luz do embasamento teórico que será apresentado a seguir, pode-se compreender que a escolha da autora em apresentar seu conto desta forma expõe reflexão sobre a mudança de paradigma quanto os papéis sociais femininos e desafia a cultura patriarcal dominante ou, como afirma Navarro (1995, p. 14) fornecer “à mulher a voz adequada para falar por si mesma”.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Para a análise de “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti (2006), parte-se da perspectiva de Bakhtin (1998), ao afirmar que os diversos gêneros literários não devem ser vistos como um simples encontro de linguagens. Segundo o autor, deve-se compreender e interpretar os textos literários

como representações verossímeis da vida. Apesar de se poder admitir que, nessa dita “representação da vida”, o romancista possui maior liberdade que os historiadores para preencher lapsos, entendendo-a como verossímil, nota-se que o texto literário pode trazer maiores interpretações referentes ao contexto histórico em que insere-se do que os próprios gêneros textuais ditos objetivos como as notícias e os textos históricos, isso, porque o romancista é protegido pelo muro da ficção, podendo disfarçar suas denúncias e percepções do ambiente em que insere-se na personalidade dos personagens criados. Considerando o poder ideológico intrínseco ao léxico, Bakhtin (2004) afirma:

O signo e a situação social estão indissolavelmente ligados. Ora, todo o signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ideologia do cotidiano, que se exprime na vida corrente, é o caminho onde formam e se renovam as ideologias construídas (BAKHTIN, 2004, p. 16).

Considerando as relações de gênero (construção subjetiva da personalidade e dos papéis sociais dos sujeitos, geralmente presa à dicotomia biológica de masculino e feminino) à expressão humana a partir da literatura, parte-se do pensamento de Cavalcante e Tedeschi (2016), em compreender o gênero como uma construção baseada em aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, psicológicos. Segundo os autores, estes aspectos trazem para a discussão dois fatores importantes: a vinculação do gênero com as relações de poder, conforme abordado na introdução deste trabalho; e a definição de gênero na categoria de representação, perspectiva esta, que será objeto de análise nos próximos capítulos.

Entendendo a cultura ocidental atual como resultado de milênios de transformação da cultura greco-romana, atravessada pelo pensamento cristão clerical, além de hibridizações; nota-se a ascensão do papel social feminino a partir da industrialização da sociedade e, de forma mais expressiva, a partir do contexto da I Guerra Mundial: muitos homens receberam a incumbência da Guerra e mulheres passaram a ter o direito de ocupar postulações antes consideradas de exclusividade masculina. Com a ascensão enquanto ser reconhecido em sociedade, há também a ascensão dentro da arte e do universo literário.

Considerando a participação feminina na literatura, segundo Muzart (2016), além das revoluções culturais e sociais do século XIX, houve, também, a ascensão da literatura no Brasil e no mundo. Porém, devido a fatores como preconceito, religião, e imposição do papel social em que as mulheres deveriam desempenhar na sociedade burguesa, as mulheres estiveram excluídas

desse processo no Brasil. Para Cavalcante e Tedeschi (2016, p. 237), “o público foi vetado, por longo tempo, às mulheres e, como espaço de negociação, a instituição literária, na tradição ocidental, abriu-se pouco para a inserção feminina, que, em termos históricos, é bastante recente”.

De acordo com Ramos e Marangoni (2016), para falar sobre a recente ascensão feminina na literatura, deve-se destacar que a sociedade brasileira tem suas bases culturais ligadas ao patriarcado e, conseqüentemente, suas mulheres também viveram esse silenciamento: “No nosso caso, o silenciamento ocorria, entre outras formas, pela negação do direito de aprender a ler e, principalmente, a escrever” (RAMOS; MARANGONI, 2016, p. 180).

Ramos e Marangoni (2016, p. 181) afirmam que a inserção feminina no mundo das letras permite “percursos de transgressão da ordem instituída”. Segundo os pesquisadores, a apropriação do direito à leitura e à escrita pelas mulheres resultou em atos de rebeldia e subversão ao sistema. Nesse aspecto, pode-se entender que, devido ao contexto social, histórico e ideológico, influenciado pelo pensamento da superioridade masculina, durante muito tempo, houveram papéis sociais cabíveis e indissociáveis aos homens e às mulheres<sup>1</sup>. Sem voz, as mulheres foram reféns exclusivamente da interpretação masculina nos registros literários.

## 2.1 ANÁLISE DO DISCURSO DE VERTENTE FRANCESA E RETÓRICA

De acordo com Marcuschi (2011, p. 91), “a língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto”. Segundo Koch (2005) o processamento dos signos está diretamente relacionado às características dos usuários da língua e, conseqüentemente, influenciará na forma em que os interlocutores desenvolverão comunicação e argumentação:

as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento. E esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que permite no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou, por vezes, nem mesmo desejados pelo produtor (KOCH, 2005, p. 97).

Considerando a argumentação como um fenômeno linguístico, porém, influenciado pelas convenções sociais culturais e ideológicas do meio, utiliza-se para a presente análise a AD. A partir da teoria da Análise do Discurso de vertente francesa, pode-se compreender o processo em que os

---

<sup>1</sup> Considerando a atual configuração da sociedade brasileira, pode-se afirmar que estes interdiscursos ainda existem, por isso a importância da reflexão e do debate de objetos simbólicos como este em sala de aula.

interdiscursos, a ideologia e a história moldam a cultura e o pensamento de um povo dentro de um determinado contexto e criam paradigmas. Nessa perspectiva, entendendo a literatura como expressão subjetiva humana, pode-se afirmar que esta pode ser objeto de análise da teoria com o intuito de identificar esses interdiscursos, compreender como eles influenciam a cultura, o contexto, os dizeres e a materialidade do discurso.

Considerando o contexto da sala de aula, entende-se que a AD aplicada a textos literários pode auxiliar, inclusive, como mediadora no desenvolvimento da criticidade dos alunos. De acordo com Oliveira (2012), no que diz respeito à formação de leitores, ao desenvolvimento da competência leitora dos estudantes, precisamos enfatizar que não basta ao professor apenas ensinar-lhe a decodificar textos. Embora, obviamente, essa seja uma habilidade essencial para a leitura, os estudantes não podem se contentar com ela: precisam aprender a ficarem alertas para o que se encontra tanto nas entrelinhas dos textos quanto nos contextos em que são produzidos e recebidos:

não podemos nos esquecer de que os textos produzem consequências extradiscursivas. E isso acontece porque os textos são sempre escritos com determinadas intenções e, por isso, estão geralmente permeados por ideologias, fato que Paulo Freire já apontava em muitos dos seus escritos para enfatizar a necessidade de os professores adotarem uma pedagogia crítica na sala de aula (OLIVEIRA, 2012, p. 53).

Para a teoria, os dizeres são efeitos de sentido que são produzidos em determinadas condições e que estão presentes no modo como o discurso é apresentado. De acordo com Orlandi (2013), o analista de discurso tem de apreender por meio de análise, os vestígios deixados por interdiscursos. “Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele” (ORLANDI, 2013 p. 30). Segundo Maingueneau (1997):

A AD, tal como a entende a Escola Francesa, não é apenas uma disciplina fugaz, nascida da convergência do marxismo, da psicanálise e da linguística, sob a égide do estruturalismo, devendo desaparecer com essa conjuntura; ela destina-se a filtrar e integrar os movimentos das disciplinas sobre as quais se apoia e, em primeiro lugar, os da linguística. Isto implica que ela seja capaz de perceber a especificidade de sua própria experiência (MAINGUENEAU, 1997, p. 188).

De acordo com Orlandi (2013), a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Assim, pode-se afirmar que não existe arbitrariedade ou imparcialidade e que a escolha do léxico e a forma como ele se constitui podem ser consideradas

uma forma de veiculação ideológica na medida em que a ideologia se materializa nesses signos. Essa relação completa-se a partir da visão de Pêcheux (1988), de que não existe discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia: “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2013, p. 17).

A Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela procura analisar como o texto significa. Nessa perspectiva, nota-se que um mesmo texto significa de forma diferente em diferentes culturas, em diferentes contextos históricos e na perspectiva de diferentes leitores que estejam inseridos em grupos sociais distintos. Segundo Orlandi (2013), a análise do discurso não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica, mas sim, produz conhecimento por meio do próprio texto, porque o vê como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade. De acordo com Gadet, Haroche, Henry e Pêcheux (2014, p.62):

No cruzamento da língua, da história e da cultura, toda uma tradição de análise crítica toca também o campo da psicologia, pelo viés da história da gramática e da história do ensino da língua e da escrita, da história da constituição da língua nacional em sua relação com o Estado, do lugar da literatura no ensino, etc. (GADET; HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2014, p. 62).

Para Camargo (2012), a linguagem possui uma característica ímpar no tocante aos aspectos mais importantes da cultura de uma nação ou mesmo de um pequeno grupo de habitantes. Ela é parte integrante dos processos que levam a difusão de signos e símbolos relativos à cultura. “Isto pressupõe que a linguagem é formada essencialmente pela interação e ela é primordial ao revelar o caráter social da linguagem” (CAMARGO, 2012, p. 107).

Materializando estas afirmações no contexto do objeto de análise, entende-se que a mesma dar-se-á por meio da identificação de interdiscursos comuns na época em que ocorreu a tessitura do objeto simbólico (o conto A moça Tecelã de Marina Colasanti), além disso, para compreender os efeitos de sentido produzidos a partir da leitura contemporânea, compreender como porta-se e quais processos moldam a subjetividade dos indivíduos ocidentais inseridos no contexto de Pós-Modernidade.

Considerando o processo de como os interdiscursos e a ideologia influenciam o processo cognitivo na construção de opiniões e, conseqüentemente, materializando-se no discurso, de acordo com Maingueneau (1997), pode-se afirmar que toda operação de pensamento remete a um dispositivo de transmissão que o estrutura a partir do interior e do qual não pode ser dissociada:

É preciso, conseqüentemente, interessar-se por estes "processos de organização", pensar a instituição não como um organograma estático, mas como um complexo que também inclui gestos e modos de relação entre os homens. A ideologia não deve ser concebida como "visão do mundo", mas como modo de organização, legível sobre as duas vertentes da prática discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, p. 60).

Assim, para Maingueneau (1997), na perspectiva da Análise do Discurso, o sujeito inscreve-se de maneira indissociável em processos de organização social e textual que remetem às convenções sociais. Nesse aspecto, a língua não é apenas um código entre outros. Segundo Orlandi (2003), em Análise do Discurso, não há separação entre emissor e receptor: Eles realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Desse modo, não existe a transmissão de informação apenas, já que, no funcionamento da linguagem, há um complexo processo de constituição dos sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação:

São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2013, p. 21).

A partir disso, considerando os interdiscursos, elementos fundamentais à construção subjetiva e conseqüentemente cultural e social, entende-se que os discursos dominantes (oficiais e/ou institucionais), à medida que sejam bem construídos, fundamentados e embasados retoricamente (quando isolados suficientemente de discursos igualmente lógicos, porém antagônicos), persuadem e moldam o destino de determinado corpo social, o que será percebido por meio da análise do conto.

O ponto fundamental da Retórica, para Mosca (2001), está no domínio dos conhecimentos prováveis e não das certezas e das evidências. Por essa razão, reside na controvérsia, na crença e na opinião, que se forma dialeticamente, pelo embate das ideias e pela habilidade no manejo do discurso por meio da persuasão, ou seja, “trata-se simultaneamente de uma técnica de argumentação e de uma habilidade na escolha dos meios para executá-la” (MOSCA, 2001, p. 20).

Considerando a persuasão como uma das principais características dos gêneros que apresentam argumentação de forma explícita, de acordo com Aristóteles (1979), são três as classificações do discurso persuasivo: *Ethos*, *Pathos* e *Logos*. *Logos* é o poder dialético do discurso com o intuito da adesão a partir da razão; *Pathos* é o lugar em que os interlocutores se inserem

(convenções sociais e culturais, contexto e comportamento); e *Ethos*, caracteriza-se pela imagem de confiabilidade que o orador inspira.

Porém, admite-se que todos os gêneros do discurso, de acordo com Koch (1984, p. 136), são repletos de “intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso”. Segundo a autora, “a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, caracterizando-se, por tanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2003, p. 17). Assim, a partir de Koch e Elias (2016), de Lopes (1976) e de Ducrot (1972), considerando a diversidade e a singularidade dos signos, entende-se que, mesmo de forma inconsciente, a simples seleção do léxico e de outros elementos linguísticos que serão utilizados na composição de um determinado texto refletirá em um determinado posicionamento e intenção argumentativa do autor.

Segundo Silva, Oliveira e Cordeiro (2012), a persuasão depende da articulação de variados argumentos (*Logos*), que formam a estrutura do texto e catalisam operações cognitivas geradoras de comportamentos favoráveis à tese defendida (*Pathos*). Para Perelman e Tyteca (1996), o objetivo de toda argumentação é:

provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN; TYTECA, 1996, p. 50).

Para a presente análise, entende-se que as três classificações de Aristóteles são interligadas: A partir do *Pathos*, ou seja, da argumentação construída por meio do que é socialmente aceito pelo auditório; e do *Logos*, argumentação centrada na dialética, somando-se as características do locutor, constitui-se, no imaginário do auditório, a credibilidade ou o *Ethos*, que no conto “A moça Tecelã” é construído imageticamente no imaginário dos leitores por meio do estereótipo e do papel social que se apresenta a partir de marcas linguísticas.

## 2.2 ANÁLISE RETÓRICO-DISCURSIVA E CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSIÇÃO DO DEBATE SOBRE O CONTO “A MOÇA TECELÃ” EM SALA DE AULA

Considerando a potencialidade do texto literário em representar de forma verossímil a subjetividade e a essência humana, nota-se que o texto é eficaz ao representar as contradições humanas. Para a análise, torna-se importante destacar, inicialmente, que os personagens do conto não recebem nomes. Assim, pode-se inferir que o provável motivo da autora em escolher essa



estrutura textual é apenas apresentar estereótipos sociais escondendo-os na metáfora da moça que tece sua própria vida a partir de seus próprios anseios, como se estivesse tecendo um tecido ou uma obra de arte. Esta lacuna de detalhes sobre os personagens propicia que os leitores realizem projeções subjetivas e reflitam suas próprias condições. Sobre os estereótipos, Maingueneau (1997, p. 46) relata:

Parece-nos que a fé em um discurso, a possibilidade de que os sujeitos nele se reconheçam presume que ele esteja associado a uma certa voz (que preferiremos chamar de tom, a medida que seja possível falar do "tom" de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa). O tom está necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade. O "caráter" corresponde a este conjunto de trapos "psicológicos" que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente a figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. Para o humanismo devoto, este "caráter" será o de um homem essencialmente comedido e sociável. Bem entendido, não se trata aqui de caracterologia, mas de estereótipos que circulam em uma cultura determinada.

A autora, Marina Colasanti, de acordo com sua biografia (2012), nasceu em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia. Posteriormente, residiu em Trípoli, na Líbia, mudou-se para Itália e, em 1948, transferiu-se com a família para o Brasil, onde vive na cidade do Rio de Janeiro. É casada com o também escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tem duas filhas, Fabiana e Alessandra Colasanti. Ainda, de acordo com a biografia da autora:

De formação artista plástica, ingressou no Jornal do Brasil, dando início à sua carreira de jornalista. Desenvolveu atividades em televisão, editando e apresentando programas culturais. Foi publicitária. Traduziu importantes autores da literatura universal. Seu primeiro livro data de 1968. Hoje são mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens e ensaios sobre os temas literatura, o feminino, a arte, os problemas sociais e o amor. Por meio da literatura, teve a oportunidade de retomar sua atividade de artista plástica, tornando-se sua própria ilustradora. Sua obra tem sido tema de numerosas teses universitárias. É uma das mais premiadas escritoras brasileiras, detentora de vários prêmios Jabutis, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, do Melhor Livro do Ana da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia, de dois prêmios latino-americanos. Foi o terceiro prêmio no Portugal Telecom de Literatura 2011. Tornou-se *hors-concours* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), após ter sido várias vezes premiada (COLASANTI, 2012, sp.).

Nesse aspecto, considerando o contexto em que a autora insere-se, nota-se que esta vivenciou transformações sociais e paradigmáticas em relação às mulheres. Processo este, que foi

influenciado pela democratização do processo de ensino, pelo avanço tecnológico dos últimos anos e pelas influências das Grandes Guerras e da Guerra Fria, conforme já abordado nos capítulos anteriores. Além disso, torna-se importante destacar que a autora residiu em diversos países e, em sua construção subjetiva, recebeu interdiscursos advindos de diferentes culturas a respeito dos papéis sociais de gênero. O falante, de acordo com Orlandi (2013, p. 51),

[...] é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder. O falante não opera com a literalidade como algo fixo e irreduzível, uma vez que não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e que se faz parte das condições de produção do discurso.

Assim, pode-se admitir que a autora vivenciou em sua família, de forma antecipada, o processo de hibridismo cultural descrito por Hall (2006), que no Brasil, por exemplo, ocorreu com maior intensificação apenas a partir do final do século XX. Por meio da rica visão cultural e criticidade quanto ao contexto e ao sistema, situação proporcionada pela inserção na diversidade cultural e pela escolarização da autora; pode-se admitir que, a partir de seus textos, como o objeto de análise do presente estudo, a autora buscou provocar reflexões em seus leitores, “tecendo” novos interdiscursos em suas leitoras com o intuito de, indiretamente, provocar mudanças a partir de seus argumentos (*logos*).

Para Marcuschi (2011, p. 93), “a escrita e a fala são atividades situadas e a situação ou o contexto (cognitivo, social, cultural, histórico) em que são produzidas é parte integral do ato de escrever ou falar”. Assim, pode-se afirmar que a construção do *Ethos* nesse determinado contexto histórico da autora só é possível graças à inserção feminina na literatura por meio do papel de autoria. A partir desses aspectos, uma possível discussão em sala de aula pode centrar-se na importância da escrita feminina considerando sua capacidade em compreender e compartilhar os anseios e os sentimentos femininos (*Pathos*) em sua totalidade e além dos estereótipos ou da interpretação masculina que, muitas vezes, é interpelada a partir de interdiscursos de fragilidade.

O *Ethos*, um dos principais eixos de análise do presente trabalho, caracteriza-se como estratégia argumentativa centrada na imagem de quem anuncia. Considerando que no texto os leitores não têm contato direto com a autora, segundo Maingueneau (2005), ocorre a edificação imagética do enunciador a partir das experiências pessoais e dos estereótipos ligados às convenções sociais dos leitores. O *Ethos* discursivo, de acordo com Kleiman (2002), ancora-se a partir da seleção

lexical e de relações com a exterioridade ao discurso; e materializa-se em marcas textuais, como as que serão analisadas nos tópicos a seguir.

No conto, Colasanti apresenta uma moça delicada, sensível e sem ambições que tece a cada dia seus sonhos. Ao tecer um companheiro, perde parte de sua identidade e passa a viver para satisfazer as necessidades do marido que não se sente interessado nela, e sim na forma em que ela o satisfaz proporcionando-lhe coisas supérfluas. No entanto, a moça consegue perceber a influência negativa que o parceiro ganancioso e dominador exerce sobre ela e consegue mudar sua situação a tempo.

Outro aspecto importante a ser abordado em uma discussão sobre o conto em sala de aula é a constatação de que, por meio da metáfora da moça que tece sua própria vida e que recomeça quando percebe que não teceu a vida que esperava, Colasanti objetiva veicular o interdiscurso em ascensão da mulher autônoma, que busca realizar seus próprios anseios e que não é passiva e acomodada em relação à dominação masculina, até então, vista como natural para a sociedade. Por meio do texto, pode-se ilustrar a importância do protagonismo feminino e a igualdade entre os gêneros. Orlandi (2013) define as metáforas como um processo de produção de sentidos que, geralmente, está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um “outro” possível que o constitui:

Este modo de conceber o deslize, o efeito metafórico, como parte do funcionamento discursivo, liga-se à maneira de se conceber a ideologia. Pensando-se a interpretação, esse efeito aponta-nos para o “discurso duplo e uno”. Essa duplicidade faz referir um discurso a um discurso outro para que ele faça sentido; na Psicanálise, isso envolve o inconsciente, na Análise de Discurso, envolve também a ideologia. Essa duplicidade, esse equívoco é trabalhado como a questão ideológica fundamental, pensando a relação material do discurso à língua e a da ideologia ao inconsciente (ORLANDI, 2013, p. 80).

Sobre a servidão da personagem feminina, pode-se afirmar que, utilizando a estrutura da Retórica elaborada por Aristóteles, a autora “tece” um desfecho atípico e que também pode ser discutido em sala de aula com o intuito de que as crianças internalizem que nunca é tarde para “empoderarem-se”: possibilita que as leitoras pensem de forma crítica se estão realmente presas à situação em que se encontram ou se elas podem mudar suas situações, bastando, apenas, a tomada de uma decisão ou de uma atitude.

Sobre este interdiscurso da superioridade masculina em relação às mulheres, pode-se compreender que é socialmente imposto e aceito no contexto da sociedade paternalista e machista e passa a ser contestado de forma mais expressiva na contemporaneidade. Assim, admite-se que as

mulheres que leram o texto quando foi publicado podem ter se sensibilizado e se surpreendido ainda mais com a liberdade de espírito da protagonista do que as leitoras de 2016, por exemplo. Podendo, a autora, ter objetivado induzir o sentimento de catarse em relação à protagonista.

Considerando que, na configuração da sociedade atual, as mulheres ainda enfrentam desigualdade de rendimentos e inserção em cargos de chefia no mercado de trabalho, mesmo as que possuem ensino superior, além de serem minoria entre os representantes políticos eleitos, pode-se afirmar que a discussão de gênero ilustrada a partir da reflexão teórica de elementos simbólicos, como o conto em análise, são extremamente importantes em sala de aula, já que ecos dos interdiscursos da superioridade masculina ainda circulam e perpetuam-se entre o senso comum da sociedade.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Análise de Discurso de vertente francesa, com o auxílio de teorias literárias, da Retórica e de pesquisadores da área de Estudos Culturais, o objetivo deste trabalho foi compreender como o objeto simbólico “A moça Tecelã”, de Marina Colasanti produziu e produz sentidos. Além disso, buscou-se analisar como o texto organiza e orienta gestos de interpretação entre os interlocutores e os efeitos de sentido.

Considerando o papel social dos professores em fazer da educação um instrumento de mudança de vida dos alunos por meio do desenvolvimento da leitura crítica, é importante destacar que as leituras realizadas para a tessitura deste artigo e as reflexões apresentadas são muito úteis à aplicabilidade de discussões, como a em proposição, no cotidiano. Pode-se afirmar que os signos são interpelados pela ideologia e por interdiscursos, processo que, ao menos de forma superficial, é de importantíssima necessidade de compreensão por parte dos alunos, para que eles compreendam como todos os objetos simbólicos nos quais eles têm contato estão carregados de intencionalidade.

Além disso, é importante destacar aqui o desencadeamento do processo de transformações dos paradigmas e dos interdiscursos no último século a respeito dos papéis sociais femininos. A partir da emergência feminina na literatura, nota-se a busca pelo desenvolvimento do sentimento da necessidade de mudança e de luta pela igualdade de direitos por parte das leitoras.

### 4 REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Ediouro: Rio de Janeiro, 1979.

BAKHTIN, M. (trad. LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara Frateschi). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 11 ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo:Hucitec, 1998.

CAMARGO, W. A. A responsabilidade nas mensagens audiovisuais. In: COITO, R. F.; SOARES, A. S. **Análise(s) do Discurso**: gestos de interpretação em superfícies materiais. Cascavel, PR:Edunioeste,2012.

CAVALCANTE, A. M. M. ; TEDESCHI, A. T. A representação das mulheres nos contos das Mil e uma Noites na releitura de Nélida Pinõn. In: PINHEIRO, A. S.; CRUZ, A. D.; ALVES, L. K. (org.). **Literatura e relações de gênero**: vozes femininas nas Américas e outras fronteiras. Cascavel, PR: Edunioeste, 2016.

COLASANTI, M. \_\_\_\_\_. **Biografia**. 2012. Disponível em: <<http://www.marinacolasanti.com>> Acesso em: 18 Nov. 2016.

COLASANTI, M. A moça tecelã. In: \_\_\_\_\_. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 12.ed. São Paulo: Global, 2006, p. 10-14.

DUCROT, O. Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer. Cultrix: São Paulo, 1972.

GADET F.; HAROCHE, Cl.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. Ed.Campinas: Pontes Editores, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. G. V. A Construção Sociocognitiva da Referência. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. (Org.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora:UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e Linguagem**. Cortez: São Paulo, SP, 1984.

\_\_\_\_.; Elias, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LOPES, E. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1976.

MAINGUENEAU Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. São Paulo, SP: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso, a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão textual como trabalho criativo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 89-103, v. 11.

MOSCA, L. L. S. Velhas e Novas Retóricas: Convergências e desdobramentos. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 2 ed. Humanitas: São Paulo, 2001.

MUZART, Z. L. Um romance emblemático de Júlia Lopes dealmeida. In: PINHEIRO, A. S.; CRUZ, A. D.; ALVES, L. K. (org.). **Literatura e relações de gênero: vozes femininas nas Américas e outras fronteiras**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2016.

NAVARRO, M. H. **Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea**. In: \_\_\_\_\_. Rompendo o silêncio. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 1995.

OLIVEIRA, L. S. Gênese: Contradiscursos. In: COITO, R. F.; SOARES, A. S. **Análise(s) do Discurso: gestos de interpretação em superfícies materiais**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PERELMAN, Ch.; Olbrechts-Tyteca, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RAMOS, F. B.; MARANGONI, M. C. T. O que dizem as mulhes poetas no PNBE 2010?. In: PINHEIRO, A. S.; CRUZ, A. D.; ALVES, L. K. (org.). **Literatura e relações de gênero: vozes femininas nas Américas e outras fronteiras**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2016.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade**. Porto Alegre, RS: 1995, v. 20, n. 2, p. 71-99.

SILVA, S.; OLIVEIRA, E. G.; CORDEIRO, I. C. Os Lugares Retóricos na Publicidade. In: SELLA, A. F.; BUSSE, S.; CORBARI, A. T. (Org.). **Argumentação e Texto: Revisitando Conceitos, Propondo Análises**. Campinas: Pontes Editores; Cascavel: Edunioeste, 2012.

***Title***

Literature, gender issues and classroom: discursive rhetorical analysis and literary reflection about the tale A Moça Tecelã.

***Abstract***

Considering the lack of neutrality regarding the formation of the different genres of discourse and understanding literature as credible expression of subjectivity and human complexity, composed of feelings and human perceptions inferred in characteristics of characters shaped by history and ideology; the present study aims to perform rhetorician discursive analysis of symbolic object A Moça Tecelã, by Marina Colasanti, performing, from it, the identification of effects of sense that were and are caused by reading. From the text, and through theoretical reference that shall base analysis, we will seek, by Analysis of Discourse of French side, the context identification and interdiscourses that influenced the composition of the text; and, by Rhetoric, the identification and analysis of linguistic materiality of argumentation in the tale. From the analysis, aims to propose the discussion about Genre in classroom, from symbolic objects, Such as the one in question, in order to promoting in students reflections about the role of women's writing as an influencer subversion of socially imposed roles for women, of breaking paradigms and of empowerment.

***Keywords***

Literature; analysis of discourse; rhetoric; genre.

---

Recebido em: 01/04/2017.

Aceito em: 19/04/2017.